

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Dalila Ramos

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

2011

São Paulo

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática (com questionário estruturado)

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP / Centro Paula Souza

Projeto original: Tese de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na FEAGRI/UNICAMP sob a orientação da professora Maria Ângela Fagnani, na área de Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável, e agendada antecipadamente.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Maria Lucia Mendes de Carvalho conheceu a entrevistada na festa de comemoração de 90 anos da Etec Carlos de Campos, em 28 de setembro de 2001, e identificou a importância dessa professora para o curso Técnico em Nutrição e Dietética. Em 6 de dezembro de 2011, foi visitar a professora Dalila Ramos em sua residência, no bairro de Pirandópolis, para lhe comunicar sobre a pesquisa de doutorado no campo da alimentação e nutrição, e graveir uma entrevista sobre as práticas escolares e pedagógicas da professora no curso de Auxiliares em Alimentação ou Dietistas. Nesse dia, solicitei um currículo da professora Dalila Ramos, e ela me enviou por e-mail doze dias depois, que transcrevo a seguir:

Nome: Dalila Ramos

Data de nascimento: 30-10-31

Aos 12 anos prestei vestibular para Escola Industrial “Carlos de Campos”. O curso com duração de quatro anos exigia tempo integral: manhã com disciplina prática e a tarde com cultura geral. Era o antigo ensino vocacional, com oficinas de bordados, corte e costura, flores e chapéus, pintura e artes aplicadas, desenho e técnicas dietéticas. Podíamos escolher no final do quarto ano fazer novo vestibular para o 2º grau na opção professor de economia doméstica e auxiliares de alimentação ou professor de mestria em bordados, corte, costura, pintura etc. Escolhemos o 1º que era voltado para a área de alimentação e nutrição. A escola mudou de nome e passou a ser Colégio de Economia Doméstica e Artes Aplicadas Estadual “Carlos de Campos” e nesses últimos

dois anos tínhamos estágios pela manhã e aulas teóricas à tarde. Fizemos estágios na Maternidade Leonor Mendes de Barros – Hospital do Mandaqui – refeitório da Escola Técnica Getúlio Vargas – refeitório do Kaka – Indústrias e no Posto de Saúde que existia no Kaka. O Posto era chefiado por 2 ou 3 pediatras sendo um deles professor de Puericultura, uma educadora sanitária e cinco alunas estagiárias do curso de nutrição que ajudavam na preparação e distribuição do leite, nas consultas médicas, pesando e medindo as crianças e auxiliando as mães no preparo das mamadeiras, banho, noções de higiene, puericultura etc. Nesse estágio chegávamos às 7h00 para a distribuição do leite e consultas. Atendíamos a população infantil dos bairros Pari, Canindé e Bras. Formadas em 1951, nos inscrevemos no SESI, onde já havia serviços de alimentação e nutrição bem organizados, tanto nos CADE – Centro de Aprendizagem Doméstica, como nas cozinhas distritais das indústrias, no qual a maioria dos professores eram formados no Kaka. Em 1952, fui convidada para substituir uma professora licenciada da Escola de Economia Doméstica que funcionava no salão da Igreja de Caieiras. A Escola era mantida pela Cia Melhoramentos para atender os filhos dos funcionários que trabalhavam na plantação – corte dos eucaliptos no período da manhã e à tarde frequentava o grupo escolar. Reparei que os funcionários traziam marmitas, e às 11h00 sentavam nos trilhos dos trens de carga para almoçar. Eram os pais de nossas alunas e resolvemos aquecer e corrigir na medida do possível as marmitas, com material que já tínhamos usado nas aulas de Técnica Dietética. Preparávamos nas aulas e distribuíamos nas marmitas, melhorando a alimentação dos funcionários. A Cia Melhoramentos aprovou a nossa atitude e passou a dar verba para completar a alimentação. Em 1953, chamada pelo SESI para participar na formação de um novo CADE - Centro de Aprendizagem Doméstica em Vila Dalila. Éramos quatro professores, três nutricionistas e um professor de bordados, corte, costura e artes aplicadas, todos do Kaka. Nesse mesmo ano o CADE ganhou o prêmio do melhor CADE do ano. Em 1954, nomeada professora de nutrição e dietética do colégio Estadual Interescolar “Getúlio Vargas”. Não havia curso de Nutrição na Escola, mas havia um refeitório com muitos alunos para atender. Passei a ser mais uma nutricionista da GV. Esse refeitório, novo, bem aparelhado, servia de “piloto” para todos os refeitórios da rede do Ensino Técnico. As maiores cidades do interior paulista tinham Centro Estadual Interescolar, com refeitório, administrado por técnicos de Nutrição ou professores formados na GV. O setor de Higiene, Alimentação e Nutrição do Departamento do Ensino Técnico, chefiado pelo Dr. Francisco Pompêo do Amaral (o 1º nutrólogo de SP) e dois assessores médicos, uma nutricionista e funcionários administrativos, orientava, coordenava todas as atividades, tanto administrativa, como no ensino, através de portarias, normas, instruções. O Departamento do Ensino Técnico coordenava todas as áreas de ensino, mecânica, eletrônica, eletricidade, nutrição, edificação, etc. O campo de prática dessas normas era feito na GV e no Kaka com os professores dessas disciplinas (reciclagem, treinamento, etc.). As alunas do Kaka estagiavam na GV trabalhavam na formação dos cardápios, regimes, regimes, cozinha, copa, sobremesa na execução do cardápio do dia, estoque, requisição, distribuição, palestras, etc. Distribuíamos entre 1550 a 2000 refeições diárias, mais 4 refeições do dia. Alunos internos (bolsistas) que recebiam 4 refeições diárias mais alojamento. O número de alunos bolsistas chegava a 180 a 200, mais os externos, professores, funcionários e estagiários. Em 1964, foi criado o curso Técnico de Nutrição e Dietética e nos matriculamos no curso do Kaka. Em 1966, participei no 3º Seminário Regional Interamericano de Ensino Profissional para Adolescentes e Jovens. Em 1969, designada para exercer funções de encarregada do setor de Alimentação Escolar do Departamento do Ensino Técnico, acumulando as funções com a GV. 1969-1970 – Membro da Banca nos Exames de Habilitação ao Magistério do Ensino Profissional Livre; Economia Doméstica; Arte e Culinárias. Em 1970, Grupos de Trabalho de Equipamentos -Resolução S.E. de 27/07/1970. Representante da Secretaria da Educação no Congresso Brasileiro de Nutrição e no Congresso Brasileiro de

Nutricionista. Relotação do Centro Estadual Interescolar GV Capital para o Centro Estadual Interescolar “Carlos de Campos”, também da Capital - professor III de Nutrição e Dietética provido em caráter efetivo por Dalila Ramos. Assim consegui chegar ao Kaka, que sempre foi o meu objetivo. O centro de Nutrição estava na Rego Freitas. Fui designada pela diretora para assessorar a professora Dalva Maria Oliani nas aulas de Técnica Dietética. Em 1971, assessora da D. Deble no Laboratório nas disciplinas: Fisiologia da Nutrição e Bromatologia. No decorrer do ano D. Deble passou a trabalhar na Diretoria. Sob sua orientação assumi as aulas práticas de Bromatologia e Fisiologia e teóricas de Bioquímica. Em 1972, assumi todas as aulas de Bromatologia e Fisiologia pratica. Quando precisava completar minha jornada, ministrava aulas de Bioquímica – Nutrição normal – Dietoterapia. 1972 – Curso de Formação de Professor Primário Instituto de Educação “Nova Piratininga” 1974 – Curso de Pedagogia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Farias Brito”. Habilitação: Administração Escolar 1º e 2º grau. Em 1985, encerrei a jornada de trabalho. A nossa escola estava passando para o Centro Paula Souza e os professores efetivos do Estado seriam removidos. Fui a última do curso de Nutrição a deixar o Kaka, aposentando com trinta e um anos de serviço. Agradeço a oportunidade de relembrar os bons tempos que vivi no KaKa e na G. V., de muito trabalho, mas de grande satisfação profissional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Na residência da professora, no bairro de Pirandópolis, próxima a Praça da Árvore, em São Paulo/SP.

Data: 6 de dezembro de 2011.

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 58 minutos e 10 segundos

Número de vídeos: 3 (três)

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 31

Sinopse da entrevista

A entrevista com a professora Dalila Ramos, em 6 de dezembro de 2011, em sua residência, foi de quase uma hora, depois a professora foi buscar os diplomas, mas não os localizou em seus arquivos. Encontrou documentos de

um aluno, que agora é deputado, que fotografei sobre o refeitório da escola, para demonstrar que ele morava na escola. Enquanto procurava, eu tirei fotografias de quadros existentes na sua residência. Depois, conversei com ela sobre os quadros, e ela me mostrou outros, que também foram pintados por ela. Depois que se aposentou em 1985. Disse que foi a última do grupo antigo a se aposentar, começou a estudar pintura, um ano na Carlos de Campos, mas depois foi se aperfeiçoar com uma pintora.









de Serviço nº190/85, expedida em 28.05.85, pela S-F- do
SERHU- da DRECAP-2, à FANNY GANDOLFI, RG. 770.245, Agente
do Serviço Civil- Nível VI, SGC-III-4SE, Padrão 27-B
4-I, da Divisão Regional de Ensino da Capital 2, fazendo
jus aos proventos mensais, sendo vencimentos a que se
refere o artigo 1º da L.C. 403/85, declarada Estável a
partir de 30.05.70- por Resolução de 13.11.70, publica-
do a 14.11.70.

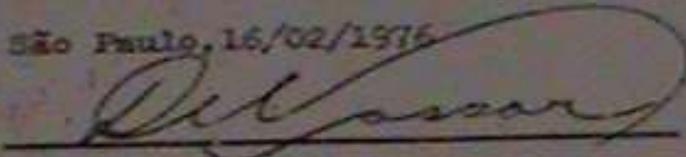
com fundamento no artigo 222, inciso III, § 1º da
Lei 10.261/68, conforme Cartidão de Liquidação de Tempo
de Serviço nº 288/85, expedida em 18.06.85, pela S-F-do
SERHU- da DRECAP-2, a DALILA RAMOS, RG. 1.867.498, Pro-
fessor III, SGC-II-4M, Padrão 27-E-5-III, da REDE. "Cam-
pos de Campos", 5ª DE, fazendo jus aos proventos mensais
sendo vencimentos a que se refere o artigo 1º da L.C. nº
403/85, acrescido das vantagens pecuniárias, correspon-
dentes a Sexta-Parte concedida nos termos do artigo 130
da Lei 10.261/68, combinado com o artigo 178 da L.C. nº
180-78, Carga Suplementar de Trabalho de 120 horas, in-
corporadas nos termos do artigo 56 da L.C. 201/78, e
instrução SERHU 16/81, nomeada para exercer Interin. o
cargo de Professor (Dietética), por Decreto de 20.08.54
publicado em 24.08.54.

Recorte do Diário Oficial do ESP de 7/08/1985, registra a data de nomeação de Dalila Ramos como professora de Dietética, em 24 de agosto de 1954. Fonte: Arquivo pessoal de Dalila Ramos, em 2011.

Informação: 08/3/76

A interessada é professora efetiva deste Centro Estadual Interescolar, e não ministra aulas por não constar do currículo a disciplina da qual é habilitada.

São Paulo, 16/02/1976


DORIVAL NASSAR
Diretor Administrativo
R. S. 1.002.360 - R. D. 571

Centro Estadual Interescolar CARLOS DE CAMARGO
Rua Monsenhor Andrade, 788 — São Paulo

S. Paulo 17/2/1976

Confirmamos a necessidade da permanência da professora em tela neste estabelecimento, uma vez que a mesma é imprescindível as matérias constantes do nosso currículo, que vem ministrando as mesmas desde 1970, por força da exigência da Lei 5.692, e por ser especialista no Curso de Nutrição e Dietética.


WILSON MOURA DA SILVA
Diretor — R. S. 1.002.360

São Paulo, 07 de Junho de 2016

A
ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL GETULIO VARGAS
Rua Otávio Bueno de Azevedo nº 10 – Itaquera
São Paulo – SP – CEP: 04228-010

Assunto: Declaração de período trabalhado como Docente

Atenção: Diretora da Escola - Profª Pedro Cavalcini

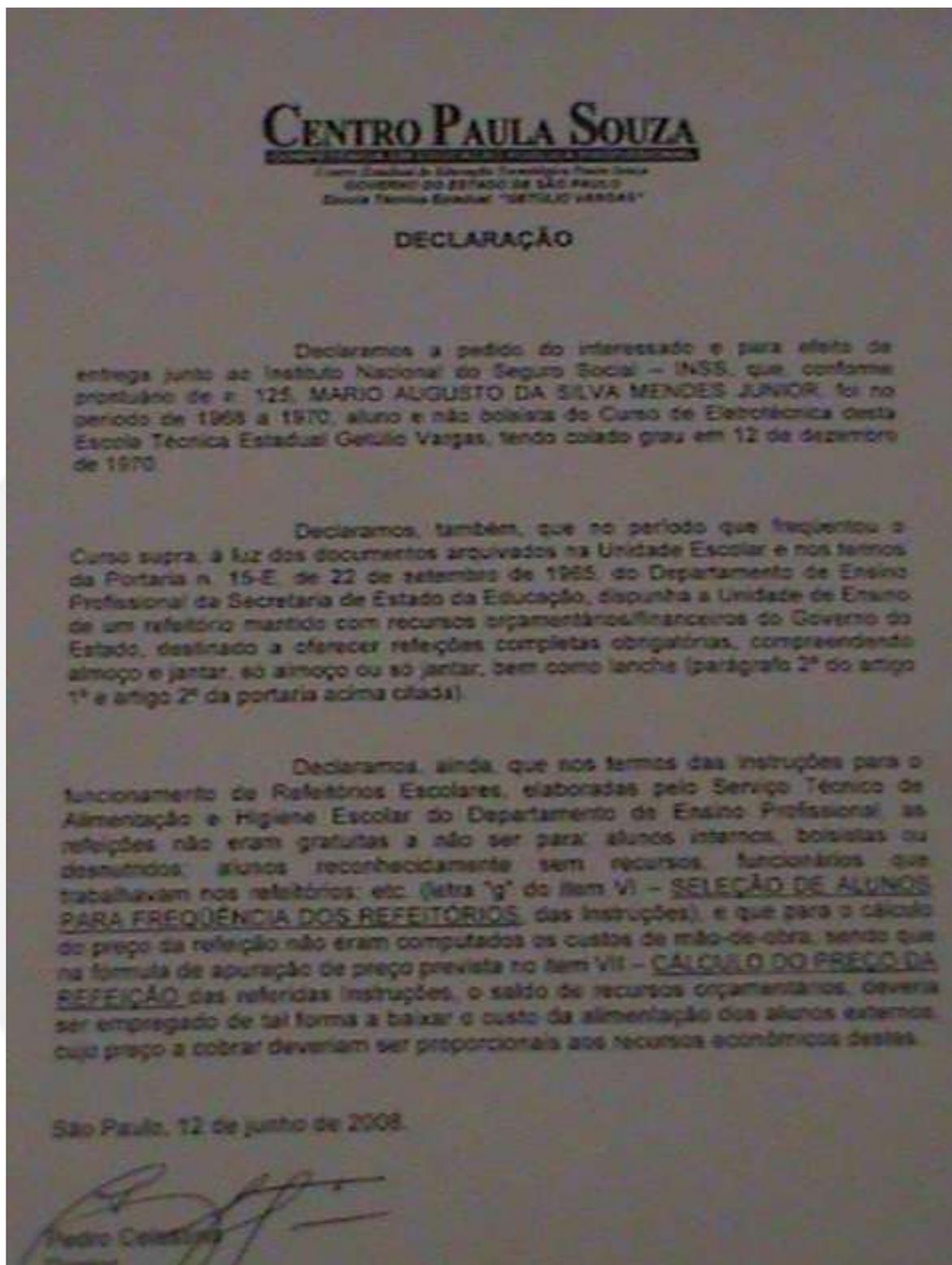
Eu, DALKA RAMOS, sendo titular de Matrícula dos ex-alunos que estudaram nessa Escola, anteriormente denominada COLÉGIO INDUSTRIAL ESTADUAL GETULIO VARGAS - CAPITAL, e já situada na época na Rua Otávio Bueno de Azevedo nº 10 - Itaquera - São Paulo - SP, atualmente sendo denominada e lecionada pelo nome dessa conceituada instituição, solicito, por favor, que seja expedida uma declaração, com base no livro de Escola, mencionando o período que trabalhei sem nome e cargo que ocupei como DETISTA, destacando-se no endereço atual de Escola (Itaquera)

O ex-aluno, Sr Mano Augusto da Silva Mendes Junior (RG 4.667.800-5), foi autorizado em protocolar esta solicitação, bem como, retirar a mencionada declaração junto a V.G.S., assim que a mesma ficar pronta.

Desde já agradeço a vossa atenção neste caso e sinto-me honrado em saber que ainda continuo em poder ajudar e trazer benefícios aos alunos da Escola, através dessa referida declaração.

Agradecimento


DALKA RAMOS
RG nº 1.667.496-7



Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 1 março a 02 de abril de 2012

Nome do transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

vídeo um: 1 minuto e 58 segundos

MLMC: Boa tarde, professora Dalila Ramos.

DR: Boa tarde

MLMC: Professora, hoje é dia 6 de dezembro de 2011, agora são 15:50 h e eu estou aqui entrevistando a senhora para a tese de doutorado que estou fazendo na Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp, e a partir do ano de 1931, e sobre os cursos que aconteceram na área de alimentação e nutrição, e eu sei que a senhora teve uma participação ativa e intensa na educação profissional.

MLMC: Professora a senhora falou que com 16 anos a senhora fez o Vestibulinho. Com 18 anos já era professora.

DR: Ah! Foi.

MLMC: O Vestibulinho era muito difícil?

DR: Na Escola Industrial Carlos de Campos, eu entrei e fiz quatro anos e com 16 anos, e, eu fiz dois anos, para fazer um curso de Dietistas. No começo era bem difícil, você sabe era naquela escola.

MLMC: Em que ano a senhora entrou exatamente no curso industrial?

DR: Em 1946.

MLMC: Quer dizer que a senhora entrou no mesmo ano da professora Neide Gaudenci de Sá. E a senhora é de São Paulo mesmo?

DR: Sim.

MLMC: E a senhora conheceu o Dr. Pompêo do Amaral?

DR: Ah! Sim (toca o telefone e interrompe-se a entrevista)

vídeo dois: 52 minutos e 24 segundos

1- Professora Dalila, boa tarde, a senhora poderia dizer como e quando a senhora iniciou na educação profissional?

DR: Com 16 anos fiz o vestibulinho e com 18 anos já era professora na escola profissional. O vestibulinho era muito difícil naquela escola. Por que a escola tinha Auxiliares em Alimentação e Mestria de Costura, Bordado e Pintura. Há tinha decoração, mas ainda não estava como aquela decoração de agora. Tinha a parte de alimentação, Auxiliares em Alimentação, um termo que o Pompêo usou e que foi a nossa infelicidade. Se ele pusesse, fosse como Dietistas, que já existia no Rio Grande do Sul e em Pernambuco. O curso começou como Dietista e elas não tiveram problemas. Nós tivemos que trabalhar, e fazer o nosso curso, era igual ao Dietista. Nós tivemos que batalhar, ele ajudou. Mas foi uma infelicidade Auxiliares em Alimentação. Nós tivemos que lutar por isso.

MLMC: Em que ano que foi que vocês tiveram que lutar por isso?

DR: Foi... Acho que foi em 1958, tem o carimbo no meu diploma. Depois, que passa para Dietista, e depois para o Técnico de Nutrição. Assim que, o movimento das nutricionistas da USP começou, nós também. A nossa associação também começou a se mexer, a professora Debbie. Aí mostraram que a gente tinha muito mais carga horária, que era tempo integral, do que elas, que era oito meses de curso. Nós tínhamos muito mais. Eu fui muitas vezes na Secretaria da Educação. O Pompêo tinha muita ligação na Secretaria da Educação. Eu fazia a coordenação dos refeitórios e era assistente do Pompêo. Nós começamos a batalhar e conseguimos passar a partes iguais, elas não gostaram. Fizemos com elas o I Congresso de Nutrição. Elas não gostaram, e no primeiro congresso nos fizemos, e participamos. Assim fomos conseguindo, até que o Jarbas Passarinho propôs o decreto que todos que tivessem a carga horária e acabou essa história.

MLMC: Eu tenho esse decreto, acho que é de 64 ou 67. É de 64.

DR: Acabou da história.

2 – Como a senhora conheceu o Dr. Francisco Pompêo do Amaral?

DR: Eu entrei no curso de Auxiliares em Alimentação e ele era diretor e professor do curso.

3 – A senhora se lembra se o Professor Pompêo do Amaral costumava dizer que foi ele quem criou o primeiro curso no campo da alimentação e nutrição no Brasil?

DR: Foi o nosso curso.

4 - A senhora pode nos dizer como o Pompêo do Amaral agia enquanto professor do curso de Auxiliares em Alimentação?

DR: O Pompêo do Amaral era ótimo professor, mas muito além dos nossos conhecimentos como alunas. Mas ele tinha ótimas auxiliares, a Debble, a Yonne e a Dalva. Elas resumiam tudo aquilo que ele falava em linguagem mais acessível e elas tudo o que ele falava para a nossa idade, a gente era menina.

MLMC: Mas ele dava aula direito para vocês?

DR: Ele dava aula e a gente ficava até parada para assimilar tudo aquilo. Dava muita política, porque ele era político. Dava a situação econômica do país, tudo misturado.

MLMC: Ele dava aula expositiva? Ele punha na lousa? Ele falava muito?

DR: Ele falava muito, às vezes punha na lousa e a Dalva falava: deixa que eu vou escrever. Ele queria da mesma forma que era para a faculdade.

MLMC: E o curso de vocês era integral?

DR: O curso era integral, de manhã você tinha o refeitório e a gente tinha o Dispensário. O refeitório da escola inteira, o almoço da escola inteira. Às vezes tinha uma ou outra aula, e enfermagem também tinha, às vezes pela manhã. E a tarde era cultura geral.

5 - E enquanto coordenador do curso de Auxiliares em Alimentação, como era o Pompêo do Amaral?

DR: O Pompêo do Amaral, ele era bom professor, ele lutava pelo curso. A gente levava os problemas e ele procurava cada vez melhorar e tentava resolver. Se a questão era de verba ele ia para o Departamento. Eles eram um grupo bem unido, ele ia para o Departamento e exigia, ele ia até o secretário.

MLMC: Ele era influente então?

DR: Ele era.

6 - Quando foram criados os refeitórios nas escolas profissionais? E como eram administrados e por quem?

DR: Os refeitórios nas escolas profissionais eles existiam quando eu fui estudar, por que eu já fiz estágio na minha escola profissional, já tinha funcionando um refeitório na Carlos de Campos.

MLMC: Na Carlos de Campos?

DR: Quando eu fui para Getúlio Vargas, já tinha um refeitório funcionando na escola.

MLMC: Quando a senhora era aluna quem era responsável pelo refeitório na Carlos de Campos?

DR: Então existia uma ex-aluna, que era Dietista, e a Yonne, que era professora do curso e era chefe lá. As alunas estagiavam comigo. Fazia parte do curso estágio, ou na Getúlio Vargas ou na Carlos de Campos com a Maecyra.

MLMC: Quantas alunas faziam estágio com a senhora e em que período?

DR: As alunas faziam estágio sempre pela manhã, porque à tarde elas tinham aulas. Elas faziam estágio eu acho que a cada quinze dias.

MLMC: E cada aluna fazia quantas horas?

DR: Olha. Elas faziam, olha a Maecyra que sabe bem. Ah, eu acho que a cada quinze dias.

DR: Eu cheguei a trabalhar nas duas escolas. Depois a gente saía uma hora e ia para a aula do Pompêo e para as aulas lá. Ele obrigava a assistirmos as aulas dele e com as alunas.

MLMC: Como professora a senhora ficou na Getúlio Vargas de que ano a que ano?

DR: Como professora na Getúlio Vargas eu fiquei de 1954, no dia do aniversário da escola, 28 de setembro, e sai em 1971. E daí eu fui para Carlos de Campos. Eu consegui pelo laneta, eu vivia pedindo a remoção.

MLMC: A transferência?

DR: A transferência para a Carlos de Campos, era esse o meu objetivo. Era esse o objetivo do Pompêo. Mas veio aquela lei que não podia mais mudar cada um do seu lugar. Aí nós não conseguimos. Passaram muitos anos. Eu fiquei com a Yonne, mas ajudando alguma coisa que precisasse lá. Mas eu não dava aula por que eu não era efetiva lá. Era efetiva na Getúlio Vargas. Mas ele não queria que eu me desgrudasse do grupo.

MLMC: Na Getúlio Vargas a senhora não dava aula?

DR: Eu dava aula para as meninas de estágio.

MLMC: Quando a senhora foi para a Carlos de Campos, conseguiu a transferência? Que cursos a senhora deu aulas?

DR: Eu dei aula no curso de nutrição, porque eu fui substituir a Debble, e foi para assistente de direção. Eu dava Bromatologia e Fisiologia da Nutrição.

MLMC: Foi no ano que a senhora foi? Em 71?

MLMC: Eu dei Bromatologia quando eu entrei na Carlos de Campos. Eu usei muito material de vocês. Eu sou professora da Carlos de Campos, do curso de Nutrição, só que eu trabalho na Unidade de Ensino Médio e Técnico, na coordenação. Mas eu dei aula lá, dei a sua matéria, eu entrei em 2000.

DR: Quem ficou na Getúlio Vargas, dando as minhas matérias, no meu lugar, foi a Edenir.

MLMC: Ah! Que bom saber disso.

DR: Quando eu me aposentei, quem ficou na Carlos de Campos foi a Edenir. Por que Getúlio Vargas não tinha curso de nutrição.

MLMC: Então a Edenir entrou na Carlos de Campos?

DR: Não, não. Porque daí o laneta não queria que eu saísse e começou a mexer os pauzinhos para criar o curso de nutrição na Getúlio Vargas e a Debble também. O laneta não queria que eu saísse, dizia fica aqui. Isso eu acho que foi em 1974 ou 1977 e de repente não sai. Ele disse nos vamos ter um curso nosso.

MLMC: Até 74 era só a Carlos de Campos, depois é que começaram as outras escolas, em Pindamonhangaba.

MLMC: Então a Edenir pegou as suas aulas depois lá na Getúlio Vargas?

DR: A Edenir ia a Carlos de Campos para ver como que fazia para dar aula de Bromatologia.

MLMC: Eu certamente devo ter trabalhado com material de vocês, porque eu peguei aquelas apostilas.

DR: Eu tinha em casa a apostila da Debble.

MLMC: A senhora não tem mais?

DR: Eu dei para a Edenir, dizendo que a Carlos de Campos, minha escola, ela tem a Neide e a Maecyra, e elas podem deixar na escola. Elas têm muito porque elas trabalharam lá.

MLMC: Eu estou com o acervo da professora Debble. Com 384 documentos para fazer o inventário e vou fazer.

MLMC: Fez muito bem professora.

DR: Eu vou deixar para Getúlio Vargas, você leva tudo isso, se alguém precisar de uma consulta. Ela adorou e disse eu tenho dois e não tenho esse livro, então leve e deixe na escola, não deixe na sua casa, por que ninguém da sua família vai tomar conhecimento.

MLMC: Assim que eu fizer este inventário, ele vai para o acervo, tem que ser assim mesmo.

DR: As apostilas da Debbie de Fisiologia e de Bromatologia. Ela disse pode deixar, depois eu deixo aqui.

MLMC: Que bom, que bom.

7 - Como era o processo de capacitação de docentes para ministrarem o curso de Auxiliares em Alimentação ou Dietista durante a gestão do Professor Pompêo do Amaral?

MLMC: Uma parte a senhora já me respondeu que vocês assistiam às aulas dele.

DR: Era obrigatório assistir as aulas do Pompêo do Amaral, a Yonne, a Debbie, e às vezes a Dalva na parte de Técnica e Dietética, tudo era levado para ele.

MLMC: E as aulas dele, todos os anos ele modificava?

DR: À medida que ia saindo coisas, ele atualizava. Sai a política contra a soja, ele atualizava. Era tudo muito rápido e havia a necessidade dele mudar. O leite ele esmiuçava e aí ele pegava outro assunto.

MLMC: Eu venho acompanhando a obra do Pompêo e vejo que desde a década de 40, ele estudava o leite.

DR: O leite de cabo a rabo. Aí ele pega um outro.

MLMC: E para fazer o livro a senhora acha que ele teve apoio da instituição?

DR: Para produzir o livro sobre o leite, eu acho que ele teve apoio sim, mas acho que ele teve apoio do Jose Olympio. Ele era muito amigo do Jose Olympio.

MLMC: Inclusive ele é citado na bibliografia do José Olympio. Eu tenho a bibliografia do José Olympio.

DR: Ele era muito amigo do José Olympio.

8 - Por que o curso de Auxiliares em Alimentação surgiu na Escola Carlos de Campos?

DR: O curso de Auxiliares em Alimentação surgiu na Escola Carlos de Campos, eu acho que nós tínhamos muito a parte de alimentação, técnica e dietética, e já tínhamos um refeitório para 200 pessoas ou 150 pessoas. A gente já tinha capacidade para ensinar as pessoas, primeiro foi isso, ensinar o pessoal, a comunidade, aquelas alunas a chefiar uma cozinha.

MLMC: Mas isso na década de 50? Ele fazia algum comentário sobre isso nas aulas dele?

DR: Ele só achava que tinha que aprender o máximo. Depois que saiu a história de ir para frente e as meninas se dando bem nas indústrias, e aí é que expandiu a ideia, eu acho que no principio ele não tinha ideia assim, ele queria fazer um curso para as mulheres que não fosse só para o lar, que elas saíssem de lá para trabalhar.

MLMC: Até por que a mortalidade infantil era muito alta naquela época.

DR: O Dispensário de Puericultura da escola vivia cheio naquela época. Não se conseguia por que o dispensário só atendia até um ano. A situação da família era ruim, então às vezes a gente deixava a criança até mais, e estendia mais alguns anos.

9 - E por que o curso Auxiliares em Alimentação deixou de ser oferecido na Escola Carlos de Campos no início da década de 1950? E quando a equipe de dietistas retornou com o curso para esta escola depois e por quê?

DR: Eu não me lembro, porque o curso de Auxiliares em Alimentação deixou de ser oferecido na Escola Carlos de Campos, no início da década de 1950.

MLMC: A senhora chegou a trabalhar na Rego Freitas?

DR: Eu trabalhei na Rua Rego Freitas, fui auxiliar da Dalva,

MLMC: E o que a senhora fazia como auxiliar da professora Dalva?

DR: Eu preparava todas as aulas práticas de cozinha e ajudava.

MLMC: Aquela apostila de 55, não tem nome da professora Debble, eu achei no acervo da professora Debble. Era da professora Dalva?

DR: Ela já era da professora Dalva. A dona Debble nunca entrou na cozinha aqui para nós, ela trazia algumas receitas, quem experimentava a receita, e quem fazia as receitas era a Dalva.

MLMC: Qual era a formação da Dalva?

DR: Ela era nutricionista. A Dalva logo foi fazer a faculdade e continuou na escola.

MLMC: A Debble também foi fazer o curso lá em 45? Será que elas são da mesma época?

DR: Deve ser mais ou menos. Quando eu cheguei na escola ela já era professora.

MLMC: A professora Debble dava aula de Química? E a professora Celina dava Química?

DR: A professora Debble era bioquímica formada pela USP e a professora Celina dava aula de Administração.

MLMC: Ela nunca deu Química? Por que ela tinha um livro de Química Alimentar?

DR: Ela era amiga da Debble. Acho que ela era farmacêutica e bioquímica.

MLMC: Então essa apostila da professora Dalva que a senhora passou para Edénir, será que era essa?

DR: Elas faziam muitas cópias das apostilas, mas quem ia para a cozinha, e quem dava aula e era especialista em Técnica e Dietética, era a Dalva.

MLMC: Porque será que o curso de Auxiliares em Alimentação separou da escola?

DR: O curso da Rua Rego Freitas separou da escola.

MLMC: Mas porque será que separou da escola?

DR: Foi uma política ou precisavam da sala e achavam que o curso não fazia parte do ensino profissional. Era um curso para professora, não era técnico. Nossa era um espetáculo.

MLMC: Em 1958, ele voltou, mas já voltou para a Carlos de Campos e como Formação de Dietistas. E daí...

DR: O meu diploma é professora de Economia Doméstica e Auxiliares em Alimentação.

MLMC: É porque o seu curso é de 51. E esse desdobramento aconteceu depois, né.

DR: Depois o curso de Auxiliares em Alimentação passou a Dietistas e depois era Técnico em Nutrição.

DR: Sabe que nós tivemos que fazer o Técnico em Nutrição? Eu disse: a gente não confia nesse governo, e nós podemos estar na rua, vamos fazer. Nós estamos cansadas de ver isso, vamos fazer.

MLMC: Eu sei. Nós encontramos o seu nome e da professora Neide.

DR: Vamos fazer. A gente não confia nesse governo. Depois nós estamos na rua, nós estamos cansadas de ver isso, vamos fazer.

MLMC: É por que a legislação estava toda confusa.

MLMC: Isso foi uma complicação na educação profissional, o fato de não ficar claro e não poder dar continuidade aos estudos. Professora do Arnaldo Laurindo a senhora lembra? Por que ele tem haver com esse desdobramento do curso de Auxiliares em Alimentação.

DR: Eu ia ao Departamento, viajava com a Yonne para fiscalizar os refeitórios do interior, o Pompêo exigia.

MLMC: A senhora chegou a participar daquele curso de Divulgação de Alimentos? Aquele curso de Divulgação de Alimentos, entre 1954 e 1955 era com a apostila da Dalva.

DR: Era com o material da Dalva.

DR: A gente ia ao interior, conhecia, lia os cardápios, por que a gente distribuía toda a verba. O ensino profissional dava verba para todo lugar. Então a gente tinha que saber se elas empregavam bem a verba e como elas distribuía essa verba.

MLMC: Como no interior tinha o curso de economia doméstica, tinha a disciplina de Arte Culinária e então elas ficavam responsáveis por essa disciplina de Economia Doméstica e Puericultura?

DR: Tinha a parte de alimento.

MLMC: Elas conseguiam ter carga horária? Era uma carga horária pequena?

DR: Elas ficavam responsáveis pelo refeitório. Mas tinha as professoras de Educação Domestica e a gente aproveitava as professoras para este serviço.

MLMC: E quando vocês iam lá fazer essas visitas, vocês davam capacitação ou algum curso? Como funcionava?

DR: Quando a gente chegava, reunia a turma, batia um papo para ver as necessidades delas.

MLMC: Vocês tinham que fazer relatório? Para quem?

DR: Depois o relatório era para o Pompêo, aí ele juntava tudo.

MLMC: E o Arnaldo Laurindo, ele apoiou vocês?

DR: O Arnaldo Laurindo era muito amigo, e então ele apoiava e confiava. Mas acho também que tinha política.

MLMC: Em 1958, quando vocês vão para a Carlos de Campos, daí foi criado o Instituto Profissional, era para formação de professores, o Esquema, de Administração Escolar, eram cursos complementares.

DR: Curso de Administração Escolar já tinha.

MLMC: Esse curso era para professores, e aí era dado na Rego Freitas.

DR: Eu trabalhei muito pouco na Rua Rego Freitas, logo fomos para Getúlio Vargas.

MLMC: Foram duas gestões de governo. Dá para ver que houveram dificuldades aí.

MLMC: A legislação não estava muito clara. O livro do Arnaldo Laurindo, ele cita muito rapidamente a organização. E no livro dele, dos 50 anos, em 61, parece que ele consegue ter a legislação que ele vinha propondo, dá para ver que houveram dificuldades aí.

DR: Ele era amigo do Pompêo do Amaral, mas ele era muito político. Então...

MLMC: O Arnaldo Laurindo foi deputado estadual duas vezes.

10 - A senhora fez contato com o Professor Pompêo do Amaral a partir de 1958, quando este deixou a coordenação do curso?

DR: Em 1958 eu era da Getúlio Vargas e a Yonne que era assistente do Pompêo, e o cargo dela era lá do Departamento, por que ela vinha só dar uma assistência na Getúlio Vargas, então a gente ia lá.

MLMC: Ele se aposentou em 61. O que ele fez nesse período de 58 a 61 no Departamento de Ensino?

DR: Ele ficava lá no Departamento de Ensino. Depois foi o tempo que ele brigou com o Jânio Quadros.

MLMC: E ele foi afastado? Será que não tem a haver...?

DR: Ele foi afastado, é questão de política por causa da soja. Ele achava que não devia dar soja devia dar carne. Ele foi exonerado. É uma pena. Ele também já tinha tempo de serviço.

11 - Houve alteração no currículo do curso de Auxiliares em Alimentação durante o período que o Professor Pompêo do Amaral foi coordenador do curso?

DR: Ah! Teve. Houve alteração, por que antigamente não havia Bromatologia. Tinha muita química e não tinha bioquímica, era mais simples o curso. Mas melhorou muito o curso. Tanto que melhorou que a gente conseguiu o diploma de faculdade.

MLMC: Ele dava essas questões políticas e de qualidade, agora a professora Debble dava Bioquímica?

DR: Ela dava Bioquímica.

MLMC: A professora Celina foi sua professora?

DR: Acho que foi Administração Hospitalar.

MLMC: Ah! Ela tem dois livros?

DR: Ela dava Administração no fim.

MLMC: E depois?

DR: Mas perto da Debble, era uma inteligência. Ela dava Bioquímica e Bromatologia. Olha que para eu substituí-la era difícil, eu ia atrás dela para saber como fazer. Daí eu perguntava como foi?

MLMC: A Debble era muito boa e muito séria?

MLMC: E as alunas não reclamavam das provas?

DR: A prova era difícil do Pompêo. Ele não corrigia prova, dava para elas corrigir.

MLMC: (risos)

DR: Ele não tinha paciência para fazer isso. Ele era arrogante. Não era homem para essas coisas. Ele dava aula, mas não era professor que corrigia a prova, quem faziam eram elas.

MLMC: E com as professoras ele discutia, ouvia?

DR: Ah, ouvia! A Debble e a Yonne, eram as duas que se impunham.

12 - E depois, quando o curso retornou à Escola Carlos de Campos, houve alterações no currículo? Se houve, quais foram e por quê?

DR: Quando o curso retornou à Escola Carlos de Campos, acho que houve uma mudança, mas eu não me lembro.

13 - A senhora se lembra dos nomes dos livros que o professor Pompêo do Amaral escreveu?

DR: Eu lembro que o professor Pompêo do Amaral escreveu os livros “Problema do leite”, “Coma e Engorde”.

MLMC: A senhora chegou a ver esses livros, chegou a usar esses livros?

DR: Este último eu cheguei a usar as tabelas na Getúlio Vargas e eu dei para a Edénir. Tinha outro livro de política mesmo.

MLMC: Ah, tem aquele que ele ganhou o prêmio em 1954, que ele escreveu, e tem o Problema da Alimentação do Brasil.

DR: Tem o Coma e Engorde, e tem mais um outro.

MLMC: Tem um último que ele escreveu que chama “Desmistificação da Fome”, mas que ele escreveu agora quando ele já tinha mais de 80 anos. Neste livro ele faz uma retrospectiva das pesquisas que ele fez, é muito interessante.

DR: Como é que ele chama? Será que eu tinha?

MLMC: Ele escreveu, foi uns dois anos antes de falecer, foi com a editora Omega.

14 - Professora a senhora se lembra dos prêmios que ele recebeu? E quando foi?

DR: Ele recebeu muitos prêmios. Quando ele chegou, mas não me lembro das datas. Tinham as festas.

MLMC: Quem promovia essas festas?

DR: Acho que a própria escola promovia.

MLMC: Inquéritos era a Neide?

DR: Isso a Neide que estava na escola, a Dalva também trabalhou. A Neide é a que tinha menos aulas, e ela sabia bater a máquina.

15 - A senhora se lembra das reportagens que o professor Pompêo do Amaral escrevia para os jornais? Alguma delas foi marcante?

DR: Eu tinha uma pasta com todas as reportagens do Pompêo do Amaral, com todos os artigos. Eu acho que na última limpeza eu joguei fora. Mesmo quando eu estudava, ele lia a Folha de São Paulo, o papai, recortava e punha em uma pasta. Olha o seu professor e sempre tinha a pasta e eu continuei.

MLMC: Ele tinha alguma reportagem que marcou?

DR: Tinha reportagem que marcavam, por que depois a gente discutia na escola. Debatia na escola, era a aula dele na escola. Toda a reportagem no jornal ele falava na escola.

MLMC: Parece que ele fez uma reportagem sobre ou contra a soja, e parece que foi isso que deu esse problema com o Jânio.

DR: Afinal ele foi demitido?

MLMC: Inclusive no próprio Congresso de Nutrição, que foi em 1960, tinha um professor lá, que chamava ele de comunista. Mas acho que ele não era do partido comunista.

DR: Ele era contra a política do governo da soja, era a favor do carne, a favor do leite. Ele ficava bravo por exportar o nosso gado, a carne e não ter para consumir.

MLMC: Ele ficava bravo por exportar a soja?

DR: Ele perguntava por que soja?

MLMC: E, também não dá para substituir o leite de origem vegetal pelo animal, principalmente criança. Então...?

DR: Sem dúvida, ele era meio assim, polêmico. Ele se exaltava. Dava até para a gente dizer que ele era comunista. Acho que não chegava.

MLMC: O filho dele, o Sérgio, disse que ele nunca foi ligado a um partido.

DR: Nunca ouvi dizer que ele fosse de um partido. Ele dava o ponto de vista dele como médico. Afinal ele foi demitido.

MLMC: O filho dele, o Sérgio, disse que ele nunca foi ligado a um partido.

DR: Nunca ouvi dizer que ele fosse de um partido.

MLMC: Ele era médico.

DR: Ele dava o ponto de vista dele como médico.

MLMC: O que percebo professora era que existiam outros médicos dentro no Departamento e que eles atuavam realmente acompanhando os alunos. E depois os médicos saíram da educação, né, então a gente também fica sem saber se nessa estruturação que teve, os médicos não faziam mais parte. O Grechi ficou por que era professor.

DR: O Dr. Barretos e o Dr. Nóbrega também eu acho que saíram, por que eles eram médicos nas escolas. O Dr. Nóbrega trabalhava no Departamento.

MLMC: Na década de 50 têm aquelas atas, quando os médicos faziam visitas nas escolas, quando eles tinham que emitir receitas para os alunos e tinha um problema sério de tuberculose naquele período.

DR: Naquele período, tinha a tuberculose e a desnutrição era bastante. Mas o Pompêo saiu, a gente estava tão envolvida com as aulas, que eu não ia mais ao Departamento. Quando eu ia ao Departamento eu sabia de tudo. Mas depois, que eu peguei as aulas da Debble, a minha carga horária estava fechada.

MLMC: Quando ele saiu em 61, ele se aposentou em janeiro de 61, e a professora Yonne assumiu o lugar dele? E a professora Yonne coordenava o curso com o mesmo brilho do Pompêo do Amaral?

DR: A Yonne era muito inteligente, amicíssima da Debble, elas coordenavam juntas. Muito amiga, eu trabalhei na Getúlio Vargas com ela. Ela me levou para o Departamento, fazia as visitas do interior com ela.

MLMC: A senhora tinha carga horária no Departamento, como funcionava? A Yonne tinha uma carga horária?

DR: Não. Ela tinha e dava Administração

MLMC: Além da carga horária no departamento ela também dava aula?

DR: Ela dava aula de Administração.

MLMC: No início do curso a Celina estava no Departamento, depois saiu e voltou. Ela foi um período para o Rio de Janeiro fazer um curso no SAPS.

MLMC: Ela foi para os Estados Unidos também? Por que a Debble foi para o USA, em 56, e ficou seis meses.

DR: A Debble foi fazer um curso lá.

MLMC: Mas parece que a Celina indicou a Debble.

DR: Não sei se elas fizeram faculdade junto na USP.

MLMC: O Pompêo também tinha amizade com a Celina? Por que, em 1938, a professora Celina escreveu um livro sobre química dos alimentos e o Pompêo do Amaral escreveu o prefácio do livro dela. Nesse prefácio ele já dizia sobre a importância de se ter um curso na área de alimentação e nutrição. Eu não sei o livro foi o motivo. Mas no ano seguinte, o Pompêo foi convidado pelo Secretário da Educação a criar um curso, e daí ele foi para a Carlos de Campos, e contratado como médico-chefe.

DR: E quando foi?

MLMC: Foi em 1939.

DR: Nossa.

MLMC: Foi em janeiro e em maio ele começou o curso. Então ele já tinha amizade com a Celina, mas ela já era do ensino profissional. Eu acho que ela já devia ministrar alguma disciplina relacionada à química e química dos alimentos.

DR: Acho que ela deu química.

MLMC: Por que em 1940, tinham as fotos do laboratório de Bromatologia, aqueles equipamentos que vieram da Alemanha, com laboratório muito bem montado na Carlos de Campos. Nós temos essas fotografias e estão no Centro de Memória da Carlos de Campos. Mas acho que em algum momento eles se desentenderam. Por que parece que quando a escola foi para a Rua Rego Freitas.

DR: A Celina desapareceu de repente.

MLMC: A Celina desapareceu da educação profissional, não sei se ela foi atuar no Rio de Janeiro, mas ela atuou na Associação das Nutricionistas, inclusive ela é uma das fundadoras.

DR: Ela se pôs do outro lado, contra a gente, foi uma briga.

MLMC: Quando foi isso?

DR: Sei lá. Quando passou a Dietista à Nutricionista, o Passarinho aprovou decreto, um pouco antes...

MLMC: No congresso de 1960 tem uma mesa redonda e que fica muito clara a posição da professora Debbble a favor das Dietistas. Até por que ela foi vice-presidente da Associação das Dietistas. Se posicionando a favor da Dietistas e da professora Celina não ficava muito claro e dava para perceber que ela estava ligada as nutricionistas.

MLMC: Realmente o currículo do curso de Dietistas ele tinha a carga horária que era o dobro da nutricionista.

DR: A gente estudava de manhã, e saía de noite, era um absurdo. Tinha um ano de estágio, tinha que trabalhar no hospital, na indústria, outro mês na escola. Na escola fazia estágio na escola mesmo. Era tanta coisa que você tinha que fazer. O ano todo você fazia estágio.

MLMC: As alunas quando se formavam tinham recompensa financeira?

DR: Todo mundo saía empregada, emprego não faltava. É como na Getúlio Vargas a necessidade da indústria, torneiro mecânico, tudo tinha lá. O menino já saía dali direto, fazia estágio e já ficava como funcionário.

MLMC: Eu li professora um livro que na década de 40 existia o Instituto Profissional Masculino, e do lado tinha a escola técnica, que era da Getúlio Vargas e era uma parceria com o sindicato. Isso, antes de ir para o Ipiranga, a senhora ouviu falar?

DR: Eu nunca ouvi falar. Eu só fui quando formaram a escola. Eu já entrei na escola nova no Ipiranga.

MLMC: Então nessa escola nova tinham as republicas. Essas casas eram alugadas pelos alunos?

DR: Eu acho que eram alugadas pelo diretor que era o responsável.

MLMC: Eu vou conversar com o professor Ianeta ainda.

..... (silêncio)

vídeo três: 3 minutos e 48 segundos

MLMC: E a senhora acabou trabalhando no refeitório e na Getúlio Vargas.

DR: Quem fazia era a Yonne e eu ajudava a Yonne. E nós viajávamos juntas, fazíamos o balanço, era muito risco, e se a gente errasse.

MLMC: E os seus pais gostavam de você ter escolhido essa profissão?

DR: Você tinha que fazer uma adaptação, teve que fazer um ano, depois mudou de Dietista para Técnico, então teve que pegar outro diplominha.

MLMC: O tempo de vocês foi muito sofrido?

DR: Muito estafante.

MLMC: Eu acho que em termos de política da educação profissional no estado de São Paulo a gente ficou a desejar neste período. Por que na

escola federal eles podiam dar continuidade aos estudos e nós no estado de São Paulo não.

DR: Então a gente foi fazer Pedagogia a noite. A técnica não podia ser professora.

MLMC: A senhora fez junto com a professora Neide na FMU.

DR: Eu fiz na Campos Sales.

MLMC: De que ano a que ano a senhora fez Pedagogia?

DR: Eu sei que eu saia da escola 18h30 ou 19h, e pegava um ônibus e ia até para Guarulhos, e 19h30 começava a aula e então voltava à meia noite, aqui em cima e o ônibus chegava só até a Rua Domingos de Moraes. O papai ficava lá em cima, por que era deserto.

MLMC: Olha Professora eu quero agradecer muito o seu apoio a essa entrevista.

DR: É só isso.

MLMC: Eu quero ver o seu currículo, o seu diploma, vou transcrever esta entrevista, e vou ter outros contatos com a senhora para a gente poder elaborar esse texto final juntas que vai para o doutorado.

DR: Mas você quer o diploma?

MLMC: Eu quero tirar uma fotografia.

MLMC: Nós ficamos conversando uma hora. (encerrada a entrevista).

Descritores

Alimentação e Nutrição

Arnaldo Laurindo

Bromatologia

Celina de Moraes Passos

Centro de Memória da Etec Carlos de Campos

Como e engorde

Dalila Ramos

Dalva Oliani

Debble Smaíra

Escola Industrial Carlos de Campos

Esquema

Formação de Dietistas

Francisco Pompêo do Amaral

História oral na educação

Instituto Pedagógico do Ensino Industrial

Maecyra Melo

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Memórias do trabalho docente

Mestre em Economia Doméstica e Auxiliares em Alimentação

Neide Gaudenci

Química

Rua Rego Freitas

Técnico em Dietética

Técnico em Nutrição e Dietética

Yonne Cintra de Souza

Dados Biográficos da Entrevistada



Dalila Ramos durante entrevista, em 6 de dezembro de 2011.

Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Dalila Ramos nasceu em 30 de outubro de 1931, em São Paulo. Fez o jardim no Colégio Santa Terezinha, no Pari, o primário no Externato São Vicente de Paula, na Penha, onde passou a residir com a família. O pai Antonio Maria Esteves Ramos, de origem portuguesa, era ferroviário, e a mãe, Cândida Amélia Ramos, brasileira, era dona de casa, mas fez o curso Corte e Costura na Escola Carlos de Campos. Dalila Ramos disse em entrevista, que a mãe, fez parte do grupo de mulheres que na revolução de 1932, costuraram as fardas de soldados junto com as alunas na Escola Profissional Carlos de Campos, mas não mais como aluna, e sim como voluntária, e já casada e com dois filhos. Ela e um irmão quatro anos mais velho. A professora Dalila Ramos ingressou na Carlos de Campos, em 1946, e formou-se Mestre para Formação de Professores de Educação Doméstica e Auxiliares em Alimentação, em 1951. Como professora ingressou na Escola Técnica Getúlio Vargas, como auxiliar da professora Yonne Cintra de Souza, atuando no refeitório modelo da escola. Na década de 1970, foi substituída pela professora Debbie Smaíra Pasotti na disciplina de Bromatologia e passou a ministrar aulas na Escola Técnica Carlos de Campos, aposentando-se em 1985.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre

em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexo (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):
Carta de Cessão dos Direitos Autorais e de uso de Imagem